

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16957 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

EDUCAÇÃO INFANTIL: PRIMEIROS PASSOS NA SOCIEDADE DO CANSAÇO OU POSSIBILIDADE HETEROTÓPICA?

Ana Paula Freitas Padilha - UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense

EDUCAÇÃO INFANTIL: PRIMEIROS PASSOS NA SOCIEDADE DO CANSAÇO OU POSSIBILIDADE HETEROTÓPICA?

RESUMO

Este resumo tem como temática a escolarização precoce da Educação Infantil, como reflexo de um movimento que opera a partir da subjetivação neoliberal, conduzida pela biopolítica e pela governamentalidade. Esse discurso favorece a naturalização precoce do individualismo, da disciplinarização, da normatização nestes espaços. Considera competências e habilidades das crianças, para o futuro capital “utópico” que lhe espera, em detrimento do esmaecimento das experiências, diferenças, brincadeiras e interações que favorecem o acontecer do comum, do sentimento de pertencimento a uma coletividade, e do respeito ao outro nas relações. No entanto, intentamos um olhar outro, que se desloque da lógica capital, pensando a Educação Infantil como um espaço de potência heterotópica em Foucault. Nesse sentido, metodologicamente, este resumo integra uma revisão bibliográfica em diálogo com a pesquisa de mestrado em Educação em andamento, a qual trata de pensar os discursos normalizadores que permeiam as práticas pedagógicas inclusivas na Educação Infantil. Este resumo conta com as reflexões e problematizações a partir das obras de Foucault, Hardt e Negri, Dardot e Laval e Byung-Chul Han.

Palavras-chave: Educação Infantil. Escolarização. Racionalidade neoliberal. Heterotopia.

A racionalidade neoliberal encontra-se imbricada nas relações de poder-saber, conduzindo não apenas corpos, mas a vida a uma lógica capital e, assim, capturando também os sujeitos desde a mais tenra idade. Nesse sentido, a Educação Infantil como instituição se torna mais um dispositivo biopolítico na implementação desse governo dos modos de vida, imbricado politicamente com seus saberes, e também na subjetividade dos sujeitos destas instituições. Há sobre a infância um interesse de se pensar e de se projetar o que serão as crianças no futuro e como contribuirão com ele.

Vemos a escolarização precoce da Educação Infantil como uma dessas ferramentas estratégicas de condução da infância. Segundo Abramowicz (2003) há uma “escolarização precoce no sentido da [...] normatização do corpo, das palavras e gestos, na produção de um determinado tipo de aprendiz trazendo, portanto, uma rejeição à alteridade e às diferenças que as crianças anunciam, enquanto tais” (Abramowicz, 2003, p. 16). Queremos pensar aqui, contudo, como a Educação Infantil pode constituir-se, também, como uma heterotopia, como uma abertura de um espaço outro, como nos convida a pensar Michel Foucault: ser fatura nessa lógica capital, que visa a pequenos passos, à subjetivação pela racionalidade neoliberal.

Voltamos o olhar e o pensamento às infâncias como experiência, ao encontro entre as diferenças, contemplando o que a infância e as crianças já são.

Metodologicamente, este resumo integra uma revisão bibliográfica em diálogo com a pesquisa de Mestrado em Educação em andamento, a qual trata de pensar os discursos normalizadores que permeiam as práticas pedagógicas inclusivas na Educação Infantil. O centro de nossa problematização é a normalização que adentra estes espaços com seus vestígios disciplinares modernos, aliados ao governo biopolítico e neoliberal contemporâneo. Como nos lembram Dardot e Laval, “com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos.” (Dardot; Laval, 2016, p. 14). Somos conduzidos, e conduzimos, a partir de técnicas de governo que podem ser vistas, por exemplo “[...] por meio de observação, [...], de aprendizagem e um nível de aptidão ou conduta desejada que servirá de referência para definir um maior ou menor ajustamento aos parâmetros normativos, por parte de cada criança em particular. (Bujes, 2001, p. 120).

Através da biopolítica novas formas de poder-saber são criadas no intuito de administrar a população, e aqui, em especial, as infantis. Nesse sentido, muitos são os interesses capitais sobre a infância: “Elas se tornam objetos de interesse de inúmeras classes profissionais, de distintas iniciativas governamentais, de práticas especializadas, de legislação, de regimentos” (Bujes, 2001, p. 60). Foucault também nos lembra dos investimentos e estímulos para tornar a criança um potencial capital humano, “[...] que vai poder ser calculada e, [...], quantificada, em todo caso, que vai poder ser medida em termos de possibilidades de investimento em capital humano”. (Foucault, 2008/2022, p. 316).

Podemos mencionar como uma das ferramentas de governamentalidade os documentos que regem a Educação Infantil, como a BNCC (2017). Trata-se de um discurso que conversa, visivelmente, com os direitos da infância, mas se observa, também, uma escolarização “moderna” precoce, por exemplo, em mesas e cadeiras enfileiradas, rotinas engessadas, produtividade, brincadeiras livres cronometradas, disciplinarização, cerceamento das emoções e esmaecimento das diferenças. Favorecem, assim, a exclusão de algumas crianças consideradas “problema”, seja por alguma deficiência, seja por ter um modo de ser “inadequado”, e que precisa ser investigado, diagnosticado e, por fim, corrigido. Afinal, logo estará no Ensino Fundamental, Médio e, não tão distante, no mercado de trabalho. Ou, quem sabe, melhor, como empresário de si mesmo, entendido a partir de Foucault (2008/2022, p. 311) como “sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de sua renda.”

A crítica se ocupa aqui em defender a Educação Infantil como espaço de experiências, de encontro de diferenças, com um distanciamento possível da racionalidade neoliberal que vem capturando a todos nessa sociedade do cansaço, como nos diz Han (2017). Pensamos estes espaços com Foucault (2013) como lugares heterotópicos, como “uma utopia localizada”, real e possível, que considerem as crianças, seus modos de ser, para além do tempo cronológico e de seu futuro capital, para além de seu entendimento precoce sobre concorrência e individualização. Um lugar de descanso, cada vez mais raro na racionalidade neoliberal. Isso nos leva a pensar que “com o desaparecimento do descanso, teriam se perdido os ‘dons do escutar espreitando’”, [...] na capacidade para a atenção profunda, contemplativa, a qual o ego hiperativo não tem acesso.” (Han, 2017, p. 34).

É preciso retomar esse lugar da escuta, do olhar, da sensibilidade e do pensamento, um contra espaço, e “as crianças conhecem perfeitamente esses contra espaços, essas utopias localizadas.” (Foucault, 2013, p. 20). As crianças são mestres em criar outros tempos, outra

relação com ele, totalmente oposta ao tempo do desempenho que corre ofegante e leva ao cansaço.

Entendemos, porém, que a Educação Infantil como instituição, lugar permeado por relações de poder-saber, não estará suspensa dessas relações. Em nossa perspectiva, intentamos perscrutar um olhar outro para o educar e o cuidar nesta etapa da Educação, um posicionamento no estudo, uma política e uma estética que considere o comum (Hardt; Negri, 2016). Para possibilitar estes modos de ser outros precisamos repensar o tempo, pois como nos lembra Skliar (2019) a pressa sempre acaba por derrotar os mesmos, "[...] aqueles e aquelas cuja diferença implica outra relação com o tempo, [...] outra existência dentro do tempo." (Skliar, 2019, p. 70).

Podemos, com a filosofia da infância e com a filosofia da diferença, reivindicar um caminho outro, no qual as subjetividades encontrem espaços que desloquem essa lógica, espaços para criação, para trocas tão importantes, para entender a sua existência como um modo de ser potente, para além do que as normas elegem como ideal e esperado de cada um. Pensamos a Educação Infantil enquanto possibilidade de espaço heterotópico, real, criativo, no qual as subjetividades possam ser pensantes, no qual possam encontrar tempo e espaço para dar mais que passos automáticos, mas que, a cada passo, possam brincar, sentir, interagir e contemplar a caminhada, viver a experiência que a infância ainda consegue experimentar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. O direito das crianças à educação infantil. Pro-Posições, Campinas, v. 14, n. 3, p.13-24, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643858/11335>. Acesso em: 17 maio.2024.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em 17 mai. 2024.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Infância e maquinarias. 2001. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1904>. Acesso em: 17 mai. 2024.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. A invenção do eu infantil: dispositivos pedagógicos em ação. Revista Brasileira de Educação, n. 21, set./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wtprtVVdk4qGQ73F7TyQwTr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 mai. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 12-33

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008/2022, p. 297-363.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. O Corpo Utópico; As heterotopias / Michel Foucault; posfácio de Daniel Defert [tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo n-l Edições, 2013.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Bem-estar comum. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SKLIAR, Carlos. A escuta das diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2019.

